

Nos rastros da memória

OTTO, Clárcia. *Nos rastros da memória*. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2012.

Raquel de Melo Giacomini

Mestranda no Programa de Pós-
Graduação em Educação na
Universidade Federal de Santa Catarina
– PPGE/UFSC.
rm_giaco@hotmail.com

Para citar esta resenha:

GIACOMINI, Raquel de Melo. Nos rastros da memória. *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 14, n. 27, jul./dez. 2013. p. 307 - 312

DOI: 10.5965/1984723814272013307

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723814272013307>

O livro *Nos rastros da memória* é de autoria de Clarícia Otto e foi publicado pelo Núcleo de Publicações do Centro de Ciências de Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em 2012. A autora possui graduação (licenciatura e bacharelado) e doutorado em História pela UFSC. Atualmente, é professora do Departamento de Metodologia de Ensino e do Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma universidade. Tem dedicado seus estudos e pesquisas a discussões sobre história da educação, memória, patrimônio, teoria e metodologia da história e do seu ensino, campo religioso e educação e história ensinada nos primeiros anos de escolarização.¹

Neste livro, Clarícia Otto propõe-se discutir os conceitos de memória e história com base em abordagens e conceitos de alguns autores de referência na área das ciências humanas. Segundo a autora, a motivação para escrever o livro se deu a partir de respostas que ouviu de estudantes de graduação, em torno das questões “o que é memória” e “o que é história”. Destinado, principalmente, a estudantes de graduação dos cursos de Pedagogia e História, neste livro Otto realiza um diálogo entre esses dois conceitos, de modo a vinculá-los aos processos de escolarização, relacionados principalmente ao ensino de história para crianças. Ressalta também a importância da memória na construção de identidades. Ademais, afirma a possibilidade de se ensinar história e conceitos relacionados a essa área de conhecimento às crianças, corroborando pesquisas correlatas.

O livro é organizado em três capítulos. O primeiro, *Rememorar: dimensão indispensável à vida*, inicia com a seguinte indagação: o que é memória? Segundo a autora, esta questão não é nova; entretanto, ainda é pertinente em razão de vários motivos. Dentre eles, está o fato de que “não há como compreender os processos de produção da história sem perseguir e perscrutar os rastros da memória” (p. 23). Com base na obra de literatura dita infantil, intitulada “Guilherme Augusto Araújo Fernandes”, de Mem Fox, Otto mostra como a memória é um conceito polissêmico. Esclarece que foi somente no

¹ Informações retidas do currículo Lattes da autora. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4707918U0>. Acesso em: 10 nov. 2012.

século XX que ele se tornou objeto de investigação e problematização das ciências humanas. Alguns autores são trazidos à baila para a discussão com o intuito de expor as diferentes formas de compreender o conceito de memória; dentre eles: Ecléia Bosi (2009), Marilena Chauí (1997), Maurice Halbwachs (2006), Pierre Nora (1993), Michael Pollack (1989) e Jacques Le Goff (2003).

A autora sinaliza a relevância de trabalhar no ensino de história com os objetos como evocadores de memória, assim como com os “lugares de memória”, conforme cunhado por Pierre Nora (1993). Do mesmo modo, os filmes “Uma vida iluminada” e “Sideways – Entre umas e outras” são exemplos citados, pois podem contribuir para o entendimento dos vários sentidos da memória. Igualmente, fundamentando-se em autores como Ecléia Bosi (2009), Jacques Le Goff (2003) e Andreas Huyssen (2004), ressalta a importância da memória e das práticas de rememoração.

A necessidade de problematizar a memória é defendida pela autora. Mostra que memória e história são interdependentes e não sinônimos. A memória é a matéria-prima da história, seu objeto de investigação. Com isso, atenta para o fato de que é necessário considerar as múltiplas vozes, pois todas as pessoas têm uma história (e memória).

A história oral é destacada como uma metodologia de produção de fontes; entretanto, tais fontes precisam ser problematizadas, tanto no fazer da história quanto em seu ensino. Otto assinala, ainda, a necessidade, nessa matéria, de contextualizar as fontes (orais e escritas) e o desafio de ensinar os modos pelos quais a história é produzida.

A indagação “O que é história” perpassa a primeira parte do segundo capítulo, *Sobre os sentidos da história*. Otto desenvolve uma densa reflexão, apoiando-se em autores clássicos como Paul Veyne (2008), Marc Bloch (2001), Roger Chartier (2009), Michel de Certeau (2010), entre outros, que se dedicaram a responder à referida questão. As reflexões dos autores apontam, assim como no caso da memória, que o conceito de história é polissêmico. Ela pode ser compreendida como história-conhecimento, história-processo, história-disciplina e história-narrativa. A autora ressalta, além disso, que a

etimologia da palavra *história* pode fornecer pistas que “levam à compreensão de que *história* significa procura, investigação, pesquisa” (p. 55).

A problemática da escrita da história também é tratada pela autora. Mostra que as pesquisas realizadas no século XIX buscavam desvendar a verdade sobre o passado por meio de documentos escritos e oficiais. Já ao longo do século XX, outros estudos expressaram a impossibilidade de descobrir tais verdades. Desse modo, para produzir história, é necessário utilizar diferentes tipos de fontes, que podem ser escritas, orais, imagéticas, entre outras, não com o intuito de encontrar uma verdade, mas para construir versões parciais sobre o passado com base em problematizações suscitadas no presente. Para isso, é preciso utilizar procedimentos metodológicos que compreendam a seleção, organização, crítica, contextualização, problematização e interpretação dos documentos, isto é, as maneiras pelas quais se produz conhecimento histórico.

Otto se ancora em certos autores para explicitar algumas razões da serventia da história. Marc Bloch (2001) diz que a história serve para viver melhor; Eric Hobsbawn (2009) salienta que ela contribui para não se viver em um presentismo absoluto; Jörn Rüsen (2001) expressa que ela convém para o desenvolvimento da consciência histórica e para a orientação da vida prática; por fim, Reinhart Koselleck (2006) afirma que história contribui para se ter uma perspectiva de futuro. Além disso, a autora assevera que é indispensável compreender a história ensinada nas escolas, tendo em vista que essa disciplina contribui, dentre outros fatores, para a construção da identidade dos alunos.

No terceiro capítulo, discute, como bem indica o próprio título, a *História e memória no ensino de história*. Conforme a autora, ensinar história se justifica da seguinte maneira: “conduzir crianças, adolescentes e jovens, após um processo de ensino-aprendizagem e de acordo com o nível escolar em que se encontram, a responderem, eles próprios, às perguntas *o que é memória* e *o que é história*” (p. 73). Com isso, Otto sinaliza que, para os professores ensinarem a disciplina em questão, devem apropriar-se da especificidade da história escolar, ou seja, compreender os modos de produção da história.

De acordo com a autora, o ensino de história em sala de aula não deve ser meramente compilação de informações, mas um lugar em que se relacionem teoria e prática. Para isso, o professor precisa ser o mediador do processo de ensino-aprendizagem, buscando considerar os conhecimentos prévios dos estudantes e, por meio de propostas de pesquisa, fazer com que produzam sentidos sobre a história. Segundo Otto (p. 75), “nessa construção de sentidos, a memória é o elemento essencial, na medida em que a lembrança envolve sujeitos e espaços diferentes”, perspectiva que transforma a sala de aula em lugar de produção de conhecimento.

Nesta discussão, a autora propõe um diálogo com a vertente denominada educação histórica, que se apóia na epistemologia da ciência histórica. Tendo o autor Jörn Rüsen (2001, 2007, 2010) como principal teórico dessa vertente, é postulado que a finalidade do ensino de história é desenvolver nos alunos a consciência histórica, a fim de conseguirem estabelecer relações entre presente, passado e futuro, contribuindo, dessa maneira, para as orientações do seu agir.

Por fim, são apresentadas algumas possibilidades de propostas para o ensino dessa disciplina, em diálogo com a memória e a história, embasadas na concepção da educação histórica.

Sem dúvida, a leitura do livro fornece importantes subsídios teóricos e práticos para o trabalho com a memória no ensino de história, o que torna sua leitura fundamental aos interessados em produzir aprendizagens históricas significativas nas escolas.

Recebido em: 14/11/12
Aprovado em: 02/03/13

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE
Revista Linhas
Volume 14 - Número 27 - Ano 2013
revistalinhas@gmail.com